

A SEMANA – 167

John Gledson

Crônica dedicada inteiramente à literatura, mas que tem conexões íntimas com a história, do passado e do presente. Comentando a falta de estantes, Machado indiretamente comenta os empecilhos “estruturais” à falta de livros e de leitura no país (além do afrancesamento da cultura em geral). Os dois livros que comenta – o começo de *Um estadista do império*, do amigo Joaquim Nabuco, e *Miragem*, do também amigo Coelho Neto, ambos têm seu interesse. Pertencem a dois mundos (e duas amizades) bem diferentes – *grosso modo*, do Segundo Reinado e da República – e são inteiramente contrastantes. As lembranças da primeira parte foram o embrião do famoso ensaio “O velho senado”, de 1898, publicado na *Revista Brasileira*, editada pelo também amigo José Veríssimo. Com efeito, há menções aqui, algumas delas indicadas nas notas, que são mais desenvolvidas no ensaio. São lembranças do período que Machado passou, entre 1860 e 1862, como repórter do *Diário do Rio de Janeiro* no senado, o primeiro emprego de peso que teve. Note-se que ele fala das *suas* impressões, dele, e não das de Nabuco, que só publicara o primeiro capítulo do livro. Quando o “cita”, listando alguns nomes de políticos que ele não viu, é deste primeiro capítulo.

Esta crônica foi incluída na antologia de Mário de Alencar, p. 239-243.



A SEMANA

11 de agosto de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Que pouco se leia nesta terra é o que muita gente afirma, há longos anos, é o que acaba de dizer *um bibliômano*¹ na *Revista Brasileira*.² Este, porém, confirmando a observação, dá como uma das causas do desamor à leitura o ruim aspecto dos livros, a forma desigual das edições, o mau gosto, em suma. Creio que assim seja, contanto que essa causa entre com outras de igual força. Uma destas é a falta de estantes. As nossas grandes marcenarias estão cheias de móveis ricos, vários e³ de gosto; não há só cadeiras, mesas, camas, mas toda a sorte de trastes de adorno, fielmente copiados dos modelos franceses, alguns com o nome original, o *bijou de salon*,⁴ por exemplo, outros em língua híbrida, como o *porta-bibelots*. Entra-se nos grandes depósitos, fica-se deslumbrado pela perfeição da obra, pela riqueza da matéria, pela beleza da forma.⁵ Também se acham lá estantes, é verdade, mas são estantes de músicas para piano e canto, bem acabadas, vários tamanhos e muitas maneiras.

Ora, ninguém pode comprar o que não há. Mormente aos noivos, nem tudo acode. A prova é que, se querem comprar cristais, metais, louça, vão a outras casas, assim também roupa branca, tapeçaria, etc.; mas não é nelas que acharão estantes. Nem é natural que um mancebo, prestes a contrair matrimônio, se lembre de ir a lojas de menor aparência, onde as compraria de ferro ou de madeira; quando se lembrasse,

¹ Mantive esta leitura, embora de fato na *Revista* o autor se chame “um bibliófilo”: lembranças importunas das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, cap. LXXII?

² Este é o terceiro número da *Revista Brasileira*, na nova série dirigida por José Veríssimo, cujo primeiro número foi anunciado na primeira crônica de 1895. Machado colaboraria apenas quatro vezes ao longo de quase cinco anos, a primeira vez em dezembro de 1895, com o conto “Uma noite”. O artigo “O ‘Livro’ Brasileiro”, de “Um bibliófilo”, que aparece às páginas 181-185, é uma queixa contra a má qualidade dos livros brasileiros, em seu aspecto físico e impressão. “É que é feio. Sim, é feio, malfeito, mal-impreso, malbrochado, mal-encadernado (quando o é), malconformado, um monstro enfim do ponto de vista da arte tipográfica, e da estética em geral.” Curiosamente, faz uma exceção parcial para os livros do Garnier brasileiro (onde Machado publicava), porque o leitor tinha a “ilusão de que ia ler um livro francês... de impressão barata.”

³ Assim na *Gazeta*. Mário de Alencar e Aurélio omitem a palavra.

⁴ Não pude descobrir que tipo de móvel era esse. Imagino algo no gênero do *porta-bibelots*, para guardar jóias (*bijoux*)?

⁵ No jornal está “firma”; Mário de Alencar e Aurélio corrigiram.

refletiria certamente que a mobília perderia a unidade. Só as grandes fábricas poderiam dar boas estantes, com ornamentações, e até sem elas.

A *Revista Brasileira* é um exemplo de que há livros com excelente aspecto. Creio que se vende; se não se vendesse, não seria por falta de matéria e valiosa. Mudemos de caminho, que este cheira a anúncio. Falemos antes da impressão que este último número me trouxe. Refiro-me às primeiras páginas de um longo livro, uma biografia de Nabuco, escrita por Nabuco, filho de Nabuco. É o capítulo da infância do finado estadista e jurista.⁶ As vidas dos homens que serviram noutra época e são os seus melhores representantes, não de interessar sempre às gerações que vierem vindo. O interesse, porém, será maior, quando o autor juntar o talento e a piedade filial, como no presente caso. Dizem que na sepultura de Chatham⁷ se pôs este letreiro: “O pai do Sr. Pitt”.⁸ A revolução de 1889 tirou, talvez, ao filho de Nabuco uma consagração análoga. Que ele nos dê com a pena o que nos daria com a palavra e a ação parlamentares, se outro fosse o regime, ou se ele adotasse a constituição republicana. Há muitos modos de servir a terra de seus pais.⁹

A impressão de que falei, vem de anos longos. Desde muito morrera Paraná, e já se aproximava a queda dos conservadores, por intermédio de Olinda, precursor da ascensão de Zacarias.¹⁰ Ainda agora vejo Nabuco, já senador, no fim da bancada da direita, ao pé da janela, no lugar correspondente ao em que ficava, do outro lado, o marquês de Itanhaém, um molho de ossos e peles, trôpego, sem dentes nem valor político.¹¹ Zacarias, quando entrou para o senado, foi sentar-se na bancada inferior à de Nabuco. Eis aqui Eusébio de Queirós, chefe dos conservadores, respeitado pela capacidade política, admirado pelos dotes oratórios, invejado talvez pelos seus célebres

⁶ No mesmo número, em três seções, publica-se boa parte do primeiro capítulo de *Um estadista do império*. Nabuco relutou antes de aceitar o convite insistente de Veríssimo – ver Magalhães Júnior, *Vida e obra de Machado de Assis*, 1981, vol. 3, p. 276-277.

⁷ No jornal está “Chataux”, Mário de Alencar tem “Chatam”, Aurélio “Chatham”.

⁸ William Pitt the Elder, Earl of Chatham (1708-1778), primeiro ministro do Reino Unido duas vezes no séc. XVIII, foi pai do ainda mais famoso William Pitt the Younger (1759-1806) que foi primeiro ministro aos 24 anos em 1783. Liderou o país durante boa parte das guerras napoleônicas.

⁹ Nabuco viria a servir à República em 1899, na questão dos limites com a Guiana Inglesa. Em 1905, seria nomeado embaixador nos Estados Unidos, onde faleceu em 1910. O comentário testemunha uma certa reconciliação do próprio Machado com o regime.

¹⁰ O marquês de Paraná (Honório Hermeto Carneiro Leão) (1801-1856), presidente do conselho do governo da “Conciliação”, morreu em setembro de 1856. Os conservadores, depois de três gabinetes presididos por eles, saíram do poder em 1862. Seguiu em maio desse ano um gabinete de Zacarias de Góis e Vasconcelos (1815-1877), que durou apenas três dias; foi seguido pelo marquês de Olinda (Pedro de Araújo Lima) (1793-1870). Em janeiro de 1864, subiu novamente Zacarias, primeiro de uma série de quatro governos liberais, só interrompidos pelo famoso “estelionato” de 1868, quando subiu o conservador visconde de Itaboraá, durante a Guerra do Paraguai. A subida dos liberais em 1862 foi grandemente facilitada pela formação da Liga, um grupo de conservadores importantes que mudaram de partido: um dos mais importantes foi justamente José Tomás Nabuco de Araújo. O processo é descrito pelo seu filho no *Estadista*, no cap. V. Zacarias entrou para o senado em 1863.

¹¹ O marquês de Itanhaém (Manuel Inácio de Andrade Souto Maior Pinto Coelho) (1782-1867) era figura famosa do Primeiro Reinado e da Regência, tendo sido tutor do jovem imperador. Casou quatro vezes, da última vez com sua criada portuguesa, Maria Angelina, casamento aceito pelo imperador. N’“O velho senado” há uma descrição maravilhosa da sua figura na velhice.

amores. Uma grande beleza do tempo andava desde muito ligada ao seu nome. Perdoem-me esta menção. Era uma senhora alta, outoniça... São migalhas da história, mas as migalhas devem ser recolhidas.¹² Ainda agora leio que, entre as relíquias de Nelson, coligidas em Londres, figuram alguns mimos da formosa Hamilton.¹³ Nem por se ganharem batalhas navais ou políticas se deixa de ter coração. Jequitinhonha acabava de chegar da Europa, com os seus bigodes pouco senatoriais.¹⁴ Lá estavam Rio Branco, simples Paranhos, no centro esquerdo, bancada inferior, abaixo de um senador do Rio Grande do Sul, – como se chamava? – Ribeiro, um que tinha ao pé da cadeira, no chão atapetado, o dicionário de Moraes, e o consultava a miúdo, para verificar se tais ou tais palavras de um orador eram ou não legítimas; era um varão instruído e lhano.¹⁵ Quem especificar mais? S. Vicente, Caxias, Abrantes, Maranguape, Cotegipe, Uruguai, Itaboraí, Otoni, e tantos, tantos, uns no fim da vida, outros para lá do meio dela, e todos presididos¹⁶ pelo Abaeté, com os seus compridos cabelos brancos.¹⁷

¹² Eusébio de Queirós (1812-1868), político dos mais importantes, embora ministro só uma vez, da justiça, no governo do marquês de Olinda, que aboliu o tráfico negreiro transatlântico. Foi fundador do partido Conservador, e senador durante os últimos catorze anos da sua vida. N’“O velho senado”, Machado volta a falar neste célebre *affaire*, mas sem entrar em mais pormenores, nem, é claro, dá o nome da pessoa. Em *Salões e damas do Segundo Reinado*, Wanderley Pinho também não sabe identificá-la, e conclui “Não nos parece mais sedutora, não tem ela outro encanto – a magia do mistério – assim velada e oculta?!...” (p. 108)

¹³ A ligação entre o almirante lord Nelson e Emma, lady Hamilton, foi um dos maiores escândalos do século: encontraram-se em 1797, e a relação durou até a morte dele na batalha de Trafalgar (1805).

¹⁴ Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, visconde de Jequitinhonha (1794-1870), político liberal de ideias avançadas (entre outras coisas, já nos anos 60, advogava a Abolição sem indenização). Foi deportado para a Europa em 1824, voltando em 1831. Entrou para o senado em 1851. Machado fala mais longamente dele, do seu passado, e dos seus bigodes, em “O velho senado”.

¹⁵ José Maria da Silva Paranhos, mais tarde (1870) visconde de Rio Branco (1819-1880), foi um dos políticos e diplomatas mais destacados do Segundo Reinado, com papéis importantes já na década de 1860. Liderou o gabinete de 3 de março de 1870, que fez a Lei do Ventre Livre. Entrou para o Senado em 1862. O “Ribeiro” a que Machado se refere parece ser José de Araújo Ribeiro (1800-1879), senador entre 1849 e 1879; Machado se refere a ele de novo em “O velho senado”, tirando a dúvida sobre o nome, e acrescentando “que não falava nunca – não me lembra, ao menos.”

¹⁶ Na *Gazeta* está “precididos”, erro evidente, que Mário de Alencar e Aurélio corrigiram. Uma outra possibilidade é “precedidos”, pela confusão comum entre “e” e “i” átonos, mas o sentido parece pedir “presididos”.

¹⁷ Estes políticos: José Antônio Pimenta Bueno, marquês de São Vicente (1804-1878), conservador, presidente do conselho em 1870, senador a partir de 1853; Luís Alves de Lima e Silva, duque de Caxias (1803-1880), o militar mais destacado do Segundo Reinado, e importante político conservador; Miguel Calmon du Pin e Almeida, marquês de Abrantes (1796-1865), liberal, ministro de estrangeiros no gabinete do marquês de Olinda em 1862; Caetano Maria Lopes Gama, visconde de Maranguape (1795-1864), conservador, ministro da justiça no gabinete do marquês de Olinda, senador desde 1839; João Maurício Wanderley, barão de Cotegipe (1815-1889), um dos mais importantes políticos conservadores do império, tentou impedir a Abolição no governo que presidiu, entre 1885 e 1888. Senador desde 1856, Paulino José Soares de Sousa, visconde de Uruguai (1807-1864), um dos mais importantes políticos conservadores, e senador desde 1849; Joaquim José Rodrigues Torres, visconde de Itaboraí (1802-1873), conservador, chefou o governo de 1868, após a queda de Zacarias imposta pelo imperador; Teófilo Otoni (1807-1869), ativista liberal, que se destacou nas eleições “do lenço branco”, de 1860, em que Machado tomou parte ativa. Só foi escolhido senador depois de várias tentativas, em 1864. Finalmente: Antônio Paulino Limpo de Abreu, visconde de Abaeté (1798-1883), presidente do conselho em 1858-59, senador desde 1847, e presidente do senado de 1861 a 1873.

Eis aí o que fizeram brotar as judiciosas¹⁸ páginas de *Um estadista do império*. Ouço ainda a voz eloquente do velho Nabuco, do mesmo modo que ele devia trazer na lembrança as de Vasconcelos, Ledo, Paula Sousa, Lino Coutinho, que ia ouvir, em rapaz, na galeria da câmara, segundo nos conta o filho.¹⁹ Que este faça reviver aqueles e outros tempos, contribuindo para a história do século XIX, quando algum sábio de 1950 vier contar as nossas evoluções políticas.

Como não se há de só escrever história,²⁰ aqui está Coelho Neto, romancista, que podemos chamar historiador, no sentido de contar a vida das almas e dos costumes. É dos nossos primeiros romancistas, e, geralmente²¹, dos nossos primeiros escritores; mas é como autor de obras de ficção que ora vos trago²² aqui, com o seu recente livro *Miragem*.²³ Coelho Neto tem o dom da invenção, da composição, da descrição e da vida, que coroa tudo. Não vos poderia narrar a última obra, sem lhe cercear o interesse. Parte

¹⁸ Assim na *Gazeta*. Mário de Alencar tem “primeiras”, assim como Aurélio, que deve ter copiado dele.

¹⁹ Políticos de gerações anteriores: Bernardo de Vasconcelos (1795-1850), figura importantíssima do Primeiro Reinado e da Regência, que se converteu do liberalismo ao conservadorismo; Joaquim Gonçalves Ledo (1781-1847), político liberal, com importante papel na proclamação da independência; Francisco de Paula Sousa e Melo (1791-1854), liberal, amigo do padre Feijó, e presidente do conselho em 1848; José Lino dos Santos Coutinho (1784-1836), político e médico, opôs-se a d. Pedro I, mas tornou-se seu médico particular – era homem modesto, tinha reputação de grande orador. Em *Um estadista do império*, cap. 1 (“Infância e mocidade”, p. 42), Nabuco fala do seu pai, jovem, em 1829 (com 16 anos), correndo “à galeria da Câmara para ouvir Vasconcelos, Ledo, Calmon, Francisco Paula Sousa, dom Romualdo, Lino Coutinho”.

²⁰ Assim na *Gazeta*. Mário de Alencar e Aurélio têm “história política”.

²¹ Assim na *Gazeta*. Mário de Alencar e Aurélio têm “geralmente falando”.

²² A esta oração falta o objeto direto; ele está subentendido. É claro que o leitor sabe que o cronista fala de Coelho Neto.

²³ No jornal está *Miragens*. Mário de Alencar e Aurélio corrigem. O romance tinha sido publicado em fascículos, n’*O Paiz*, sob o pseudônimo de Anselmo Ribas, mas, segundo uma reportagem na *Gazeta* no dia 5 de agosto, o texto tinha sido modificado. Foi resenhado na *Gazeta* por Olavo Bilac no dia 16 de agosto, e saudado com grande entusiasmo. Bilac cita longamente do romance, que qualifica de “livro de memórias” – “memórias da política, de história política, de vida social”. É “um livro de ontem”, diz, e Tadeu “é o Brasil”. É a história de Tadeu, que vive em Vassouras com a família. No segundo capítulo, o pai morre de acidente de carro. Tadeu quer cultivar a terra que herdou, mas sendo tísico e fraco demais, luta em vão, e acaba emigrando para o Rio de Janeiro, onde não encontra trabalho; entra para o exército. Seu chefe é Deodoro da Fonseca; estamos em 1888, e quando este é removido para Mato Grosso, Tadeu vai junto, subindo pelo Rio da Prata até Corumbá, passando pelas ruínas de Humaitá (parte 2, cap. 4). Em Corumbá, enamora-se com Maria Bárbara, uma “chinoca” (cabocla), que fica grávida (parte 2, cap. 5), fato que Tadeu descobre quando recebe ordens de voltar ao Rio. Participa nos acontecimentos de 15 de Novembro, mas tem um acesso tísico no final do dia, e tem que dar baixa. Acha emprego num botequim imundo – depois de outro acesso, decide voltar para Vassouras. O último terço do livro é uma sucessão de desastres. Descobre que a mãe vendeu a casa familiar, e vive de prostituição – a irmã, Luísa, separou-se dela e não quer mais falar com ela. O derradeiro encontro com a mãe é menos patético que sórdido – ela está bêbada, malvestida e xinga o filho. Tadeu descobre Nazário, ex-ferreiro e amigo da família, ele também bêbado e pobre, e que o acompanha nos últimos passos – morre no capítulo final. Como diz Machado, há muitas descrições de cenários do campo e da cidade, o que causa certa lentidão no desenvolvimento da ação. Sendo esta tão desastrosa (os amores em Corumbá são o único interlúdio feliz), talvez não surpreenda que, apesar do entusiasmo de Bilac, o romance não tenha tido muito sucesso. Não sei se estou enganado ao sentir um esforço por parte de Machado para fingir um entusiasmo que mal sentia.

dele²⁴ está na vista imediata das coisas, cenas e cenários. Não há transportar para aqui os aspectos rústicos, as vistas do céu e do mar, as noites dos soldados, a vida da roça, os destroços de Humaitá, a marcha das tropas, em 15 de novembro, nem ainda as últimas cenas do livro, tristes e verdadeiras. O derradeiro encontro de Tadeu e da mãe é patético. Os personagens vivem, interessam e comovem. A própria terra vive. A miragem, que dá o título ao livro, é a vista ilusória de Tadeu, relativamente ao futuro trabalhado por ele, e o desmentido que o tempo lhe traz, como ao que anda no deserto.

Não posso dizer mais; chegaria a dizer tudo. A arte dos caracteres mereceria ser aqui indicada com algumas citações; os episódios, como os amores de Tadeu em Corumbá, a impiedade de Luísa acerca dos desregramentos da mãe, a bondade do ferreiro Nazário, e outros que mostram em Coelho Neto um observador de pulso.



²⁴ Na *Gazeta* e em Mário de Alencar, está “dela”, em Aurélio “dele”. Parece-nos que Aurélio tem razão, pois é o interesse do livro que está na “vista imediata...”, não a obra, a que “dela” se referiria.